

FICHA TÉCNICA

www.manuscrito.pt
facebook.com/manuscritoeditora

© 2016

Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Cruz Credo, Bate na Madeira...*

Autora: *Andreia Vale*

Copyright © Andreia Vale, 2016

Copyright © Letras & Diálogos, 2016

Ilustrações: *Mariana Crisóstomo*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8818-49-2

Depósito legal n.º 410 294/16

1.ª edição, Lisboa, Junho, 2016

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1. OS CLÁSSICOS EM QUE TODOS CAÍMOS... SEM SABER	
MUITO BEM PORQUÊ	17
Bate na madeira	19
Sete anos de azar por um espelho partido	20
Número 13	21
Entornar sal (e atirar para trás das costas)	24
Fazer um brinde	26
Gatos pretos	29
Passar debaixo de um escadote	31
Abrir um guarda-chuva dentro de casa	31
Fazer figas	32
2. A MÃE-NATUREZA	35
Mal me quer, bem me quer	37
Azevinho	37
Ciprestes	39
Carvalho	41
Os cactos picam	41
Joaninha voa voa... ..	42
Elefante	43
Aranha	45

Gaivotas	46
Cisne	46
Os cocós dos animais	48
Andorinha	49
Abutres	52
Mochos e corujas	52
Escaravelho	53
Eu vi um sapo...	54
Arco-íris	55
Raios, trovões, relâmpagos e coriscos...	57
Estrela	59
Cometa	60
Lua	61
Eclipse	63
Chuva	64
Eu não acredito em bruxas, mas que as há, há...	66
Vampiro	69
Lobo e lobisomem	71
3. AMULETOS E TALISMÃS PARA TODOS OS GOSTOS	73
Trevo de quatro folhas	75
Ferradura	76
Pata de coelho	77
Olho azul	78
Olho de Hórus	79
<i>Ankh</i> ou cruz ansata	80
Mão de Fátima	81
Estrela de David	81
Fita do Senhor do Bonfim	82
<i>Maneki neko</i>	84
Espanta espíritos e caçadores de sonhos	86
4. E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE	89
Não deixar que nos varram os pés	91
O vestido de noiva	91

Uma coisa velha, nova, emprestada e azul	92
Aliança	93
O noivo não pode ver a noiva antes do casamento	94
Casamento molhado, casamento abençoado	95
Lançar arroz e pétalas de rosa	96
Atirar o ramo da noiva	97
Casados de fresco	98
Levar a noiva ao colo	98
5. O CORPO É QUE PAGA	99
Os bebés vêm de cegonha	101
É menino ou menina?	102
Não fazer a cama antes de o bebé vir para casa	104
Passar por cima de um bebé	105
Dizer santinho quando alguém espirra	105
Segurar uma pestana entre os dedos	107
Cabelo de Sansão	107
Orelhas e superstições há muitas...	110
Dentes	110
Mãos	113
Dedos	113
Unhas	115
6. PASSAGEM DE ANO: ANO NOVO SEM AZARES	117
Cuecas azuis	119
Subir para uma cadeira	119
Notas na mão	120
Doze passas	121
Bater com tachos	122
Atirar coisas velhas pela janela	123
7. CORES E OBJECTOS	125
O preto de que ninguém gosta mas toda a gente usa	127
Amarelo	127
Azul	128

Vermelho	128
Brincos	129
Chapéu	130
Sapatos	130
Meias	131
Vestir a roupa do avesso e abotoar mal os botões	132
Mesa	133
Copo	133
Facas	134
Alfinete	134
Lenços	135
Vassoura	135
Casa nova	137
Dinheiro	138
8. COMER MUITO NÃO DÁ AZAR... MAS PODE ENGORDAR	141
Alho para todos os males	143
Azeite	143
Amêndoas	144
Café	145
Cenoura	146
Vinho	147
Leite	148
Pão	149
9. PROFISSÕES PARA TODAS AS SUPERSTIÇÕES	151
Esta vida de marinheiro	153
Superstições no futebol	156
Maldições no futebol	159
E no basquetebol?	161
E no ténis?	161
E no que toca a correr?	161
Astronautas	162
E em cima de uma bicicleta?	163
Actores e superstições	163
Jogos de sorte e de azar	167

10. E PARA TERMINAR... PORQUE SIM	171
Soprar velas	173
Brincar com o fogo faz fazer chichi na cama	174
Encontrar objectos perdidos	174
Pensamentos mágicos	176
Os nomes dos sétimos filhos	176
 AGRADECIMENTOS	 179
 BIBLIOGRAFIA	 181

INTRODUÇÃO

Dias antes de acabar de escrever este livro, estava placidamente à porta de um café na rua da escola dos meus filhos, à espera que o mais novo saísse, quando sinto um esguicho a ser projectado para a minha mão. Na altura pensei que teria entornado alguma coisa, mas como estava de mãos vazias rapidamente percebi que não tinha sido eu. Olho para baixo e vejo que tenho cocó de pombo na mão! Sim, é verdade... (Blhech!) Entrei no café e fui directa ao lavatório da casa de banho e lavei as mãos muito bem lavadas! Ainda enojada, o meu segundo pensamento foi: «Isto é um sinal de que vou ter sorte.»

E você, considera-se muito, pouco ou nada supersticioso?

Há quem siga à risca uma série de rituais ou superstições, porque acredita piamente nos mesmos ou simplesmente porque entende que mais vale prevenir do que remediar. Sem qualquer explicação lógica. Outros juram a pés juntos que não acreditam em superstições, que são rituais sem sentido, são o contrário da razão, a religião dos fracos ou a ignorância em forma de fé¹.

No momento de entrar no Ano Novo, o que é que faz? Salta de uma cadeira? Bate em tachos? Avança com o pé direito? Come as doze passas e pede os respectivos desejos? Brinda com o copo de champanhe e bebe de penákti? Grita a plenos pulmões «feliz Ano Novo» e beija a pessoa

¹ «A superstição é a religião das mentes simples», Edmund Burke. «A superstição é a ignorância em forma de fé», Alvaro Granha Loregian.

que estiver mais próxima de si? E nos outros dias do ano, se for a andar na rua e estiver um escadote no seu caminho? Desvia-se? Ou ignora e passa mesmo por baixo? Passou um gato preto à sua frente: benze-se? Deita-lhe a língua de fora? Ignora-o e desvia o olhar ou tenta aproximar-se do bichano para lhe dar uma festinha? Quando parte um espelho não pensa nos sete anos de azar? Abre guarda-chuvas dentro de casa? E se forem treze pessoas a uma mesa de jantar, fica confortável?

Podemos ser os maiores cépticos do mundo, mas quase de certeza que todos (vá, quase todos) temos uma pequena «mania», um ritual, uma crença ou uma superstição pessoal, nem que seja um acto inconsciente que repetimos. Cada um acredita naquilo que quer e faz o que bem entende. Mas o que é certo é que, quando o nosso cérebro não consegue encontrar uma explicação, inventamos uma desculpa. O azar tem as costas largas e a sorte é algo que esperamos que caia do céu ou se conquiste através de pequenos truques e cuidados.

No que toca a superstição, o lógico e o racional não entram. Os dicionários definem a superstição como uma prática ou crença irracional, algo que não é baseado em conhecimento ou num facto comprovado, espoleitado pelo medo do desconhecido ou por uma necessidade de segurança. Trata-se, sem dúvida, de uma forma eficaz de lidar com a ansiedade e o medo. Se sentir que uma determinada acção lhe traz sorte, ao realizá-la os seus níveis de stresse vão diminuir, vai sentir-se mais confiante ou com mais sorte...

Tirando algumas superstições clássicas, mais reacções espontâneas do que propriamente actos conscientes com base num receio, confesso que nunca fui rapariga de grandes superstições. Mas lá diz a sabedoria popular que cautela e caldos de galinha nunca são de mais.

Eu sei que não é bem uma superstição porque o fenómeno é estudado pela Astrologia, mas há uns anos falaram-me no Mercúrio retrógrado. Não, não rebolem os olhos... Como disse, vocês podem até ser os maiores cépticos do mundo, mas no dia em que os vossos electrodomésticos decidirem avariar, os vossos telefones pifarem, perderem um avião ou um comboio ou se virem envolvidos numa grande confusão por causa de um mal-entendido, talvez admitam ler um bocadinho mais sobre este tema. Não vos vou maçar muito com o assunto, apenas explicar que Mercúrio retrógrado é uma fase em que o movimento deste planeta associado

à comunicação está aparentemente a retroceder. E isso afecta essencialmente a forma como comunicamos uns com os outros mas também máquinas e equipamentos, segundo algumas opiniões. É um período que acontece, por regra, a cada três meses e durante o qual é desaconselhado fazer coisas como formatar um computador porque... enfim, porque não vai correr bem. Adiante. É sim, dizem os entendidos, uma boa altura para fazer tudo o que implique «re-». Recomeçar, refazer, reexaminar.

Fazer coisas do início, tomar decisões, começar projectos novos? É melhor pôr em pausa. Assinar um contrato para escrever novo livro? Ah, só depois de o Mercúrio retrógrado acabar.

Ignorância, parvoíce, credence, fraqueza de espírito? Não faltarão opiniões, juízos de valor e críticas. Mas se cada um faz aquilo em que acredita e o torna mais confortável, qual é o problema?

Mas, voltando ao Mercúrio, com uma vida tão dependente de aparelhos e máquinas como computadores, telefones e afins, para quê arriscar? Tinha de fazer umas alterações importantes no meu computador, ao ponto de ter de primeiro fazer um *back up* total (uma espécie de cópia segura de tudo o que lá tinha dentro), depois abrir o computador, instalar mais memória, voltar a fechá-lo e rezar para que tudo tivesse corrido bem. Mas essa necessidade coincidiu com um período de Mercúrio retrógrado. Decidi que ia ficar quieta. Eu e a pessoa que, na verdade, é quem ia mexer no computador. Eu só ia assistir a tudo, de coração nas mãos. E assim foi. Deixei passar esses dias, o computador lá foi aberto, e eu respirei fundo quando ele ressuscitou, impecável e muuuuuuuuito mais rápido.

Para mim, quando penso em superstições, é caso para dizer «*que las hay, las hay*». A conhecida expressão em castelhano «*no creo en brujas, pero que las hay, las hay*» (com a sua versão em galego «*eu non creo nas meigas, mais habelas, hainas*») fala de bruxas e seres com poderes especiais e mágicos. Para o bem ou para o mal. E esta será a frase que talvez se aproxima mais de uma outra que me define em relação às superstições que tenho: mais vale prevenir do que remediar. É que... nunca fiando, certo?

Porque é que dizemos «santinho» ou «até amanhã, se Deus quiser», quando até nem somos crentes, praticantes? Práticas familiares, hábitos sociais, gestos de cortesia. Sentido de controlo e segurança.

E pensamentos mágicos, quem não os tem? «Se o semáforo ainda estiver verde quando eu passar, os meus desejos vão concretizar-se.» Confesso que, com os semáforos, ali na passagem do verde para o amarelo, faço batota e digo: «Ah, desta vez não estava a contar.» Já em miúda, quando vinha a pé para casa, empoleirada em cima dos paralelos da beira do passeio, dizia que se me conseguisse equilibrar e não cair seria feliz.

A propósito de infância, ponha o dedo no ar quem já balançou uma agulha na palma da mão para ver quantos filhos ia ter ou contou quantas rugas apareciam quando se apertava a base do polegar na palma das mãos para saber o mesmo... E só mais esta: rodar o pauzinho das maçãs ou das peras e ir dizendo o alfabeto para saber o nome do namorado, numa versão adaptada do «mal me quer, bem me quer»...? Outros tempos. Hoje haverá aplicações e questionários no mundo virtual para satisfazer essa curiosidade.

Superstições são coisas de avozinhas? Sim. Também. Mas não só. A minha avó materna, porque foi a sétima menina a nascer, de dez filhas, foi baptizada Eva. Naquele tempo havia a crença de que se devia chamar Eva à sétima filha para evitar que se tornasse bruxa caso não nascessem mais raparigas na família. Por acaso nasceram mais três, mas o nome ficou. De bruxa a minha avó nada tem e como em tantas outras famílias também foi com ela que aprendi algumas manias cautelosas de estar na vida. Cruzou-se com alguém carregado de más energias e até suspeita que lhe tenham lançado um mau-olhado? Memorize esta frase: «Bons olhos me vejam e os maus quebrados sejam.» Se resulta? Nem quero saber. Se me sinto mais confortável a dizer isto? Sinto. E é só isso que me interessa.

Neste livro reuni um conjunto de superstições ligadas a diferentes áreas da nossa vida. Das clássicas que todos sabemos às ligadas a amuletos, a cores e a objectos que usamos no dia-a-dia, a épocas do ano e festividades, como o Natal, a passagem de ano ou os casamentos, ao desporto... são 113 superstições no total. Perdão, são 114 que eu cá não quero chamar o azar! Lá está, eu não sou supersticiosa, mas... cruz credo, bate na madeira (três vezes). Porque nunca fiando, não vá o diabo tecê-las.

1

OS CLÁSSICOS EM QUE TODOS CAÍMOS...
SEM SABER MUITO BEM PORQUÊ



OS CLÁSSICOS EM QUE TODOS CAÍMOS... SEM SABER MUITO BEM PORQUÊ

Na maior parte das vezes não sabemos explicar bem porquê, nem de onde vêm os nossos gestos supersticiosos, mas o certo é que a maioria de nós conhece estas superstições clássicas, e de uma forma mais ou menos consciente, de quando em vez, damos por nós a evitar passar debaixo de escadotes, a não sentar treze pessoas a uma mesa e a não brindar com água, nem de pernas cruzadas, por exemplo. Como se fosse um ritual de conforto. Uma forma de assegurarmos que o azar não nos bate à porta. E caímos na tentação, não vá o diabo tecê-las, de perpetuar esses hábitos quando os nossos filhos nos perguntam: «Mas não se pode brindar com água? Porquê?» Porque dá azar. E acabou a conversa. Já lá vamos saber porquê.

BATE NA MADEIRA

Vou puxar a brasa à minha sardinha: bater na madeira é a minha superstição preferida. A essência do gesto é difícil de seguir à risca. Mas quem é que, ouvindo algo que não quer que se concretize, como forma de pedir protecção e afastar um mau presságio, ou simplesmente agradecer a sua sorte, não bate com os nós dos dedos de uma das mãos na madeira?

Num mundo de mobiliário de materiais reciclados, MDF, PVC e afins, móveis feitos de madeira da boa e da original já são raros. Confesso que lá fui apanhando o estranho (sim, eu sei que é estranho) hábito de bater na própria cabeça, à falta de um bom pedaço de carvalho, nogueira, cerejeira ou pinheiro. Para algumas pessoas basta dizer a frase para evitar o azar ou o infortúnio, mas eu prefiro seguir o preceito à risca, não vá o diabo tecê-las. Ou seja, bater realmente na madeira.

Se estava à espera de uma única explicação e origem para esta superstição, aviso já que há várias, com algumas pequenas diferenças. Natureza, religião ou brincadeira de crianças.

Antigamente, a madeira era vista como tendo em si o elemento fogo, fonte de vida. Daí que tocar na madeira viva de uma árvore seria um gesto positivo, de sorte. Do paganismo vem a crença de que as árvores eram habitadas por espíritos da natureza, e tocar nelas era invocar esses espíritos para agradecer a boa sorte. Desse toque ancestral às actuais pancadas, terá sido apenas uma questão de passagem do tempo.

Encontramos outra explicação no cristianismo. A cruz onde Jesus Cristo foi crucificado era feita de madeira, logo tocar na madeira seria pedir a protecção de Cristo. Outra origem poderá ainda estar no hábito de se tocar na madeira de um crucifixo para fazer um juramento.

Existe ainda a explicação relacionada com o judaísmo que remete para o terrível período da Inquisição. As sinagogas eram feitas de madeira e, para entrarem nos templos e pedirem protecção, os judeus criaram toques em código na madeira. Uma artimanha que salvou muitas vidas durante as perseguições e que permaneceu no tempo.

Mas há mais explicações para esta superstição: no jogo infantil da apanhada, é definido um sítio seguro para onde se deve fugir para se ficar a salvo. O chamado coito. Ora, se pensarmos que em meados do

século XIX, altura em que se pensa que o jogo surgiu, se brincava e jogava muito mais ao ar livre do que em casa e as árvores eram um bom local para definir como esse sítio seguro, tocar na madeira era estar a salvo.

Eu cá, como sou uma rapariga precavida, perante a antecipação de algum acontecimento negativo, costumo bater três vezes numa mesa de madeira, numa porta, num móvel... o que estiver à mão (sim, incluindo a minha cabeça). E, pelo sim, pelo não, remato com uma frase sussurrada: «Que o diabo seja cego, surdo e mudo!» É que nunca fiando, meus amigos. Nunca fiando.

SETE ANOS DE AZAR POR UM ESPELHO PARTIDO

Já aqui o disse: não sou assim tão supersticiosa, mas numa certa altura da minha vida (mais complicada a nível pessoal), parti dois espelhos no espaço de poucos meses. Se ao primeiro espelho partido me fartei de chorar no momento e depois fiquei dias a remoer aquilo, no segundo apressei-me a concluir que este anulava o efeito do primeiro (estou sempre pronta para uma interpretação optimista da vida, essa é que é essa...). Mas na verdade e contas feitas, se cada espelho que se parte dá sete anos de azar, então eu teria catorze anos de infortúnio pela frente e a esta hora vos garanto que ainda não passaram todos.

Este não é um assunto que me tire o sono, é apenas motivo para partilhar esta história e introduzir as várias origens da superstição. (E não, não tenho tido assim tanto azar na vida, acho eu...)

Antes de falarmos do espelho como o conhecemos hoje, primeiro falemos do reflexo. Ainda que os primeiros objectos a que podemos chamar espelhos fossem feitos de metais polidos, há registos deles com mais de cinco mil anos. Mas recuemos até à Grécia Antiga. Ao mito de Narciso, que se apaixonou pelo seu próprio reflexo na água, lavrando a sua sentença de morte e fazendo do espelho o símbolo do egocentrismo.

Na mesma época, era comum as chamadas «videntes de espelho» preverem o futuro com um espelho e água dentro de um recipiente. Quem procurava saber mais sobre o seu estado de saúde ficava descansado se visse a sua imagem de forma clara... mas se o reflexo aparecesse distorcido, era sinal de que poderia morrer. Já os romanos adaptaram

esta ideia ao facto de acreditarem que a saúde de uma pessoa mudava a cada sete anos. Assim, a imagem distorcida significava não a morte mas «apenas» sete anos de má saúde e infortúnio.

Portanto, se partirmos destas crenças antigas de que um espelho reflecte a alma e não só o corpo, se se parte um espelho, parte-se também a alma. Ou seja, o que acontece ao reflexo acontece à pessoa. Também é crença que o espelho aprisionava a alma de quem nele se reflectia. Daí que na hora da morte era preciso cobrir os espelhos de uma casa para evitar que a alma do defunto ali ficasse presa, em vez de partir para o outro lado, para o além.

Aos espelhos foi também dada a função de amuletos protectores contra forças e seres diabólicos, que, de tão diabólicos que são, nem sequer podem ver o seu próprio reflexo, sob perigo de morte certa. É o caso dos vampiros, de que falaremos mais à frente.

Versão para os mais cépticos, que os há, há: basta que se pense que, quando surgiram os primeiros espelhos em Veneza (feitos da forma e do material como os conhecemos hoje), aqueles eram objectos muito caros. Para evitar que os serviçais os partissem durante os trabalhos de limpeza, foi-lhes dito que partir espelhos dava direito a sete anos de azar (e... muito provavelmente a um corte no salário ou despedimento).

Mezinhas contra espelhos partidos? Pois também há! Soubesse eu disto há mais tempo e talvez o tivesse feito quando parti os meus espelhos, só para me acalmar. Porque nisto das superstições, não sei se concordam, mesmo que não acreditemos muito, mais vale prevenir do que sofrer as consequências de uma superstição maldita... Então, como estava a dizer, mezinhas para os espelhos partidos aqui vão: basta enterrar os cacos ou parti-los até eliminar qualquer reflexo. Claro que, se quiser, pode ir lavá-los num rio que corra no sentido sul. Ou, pura e simplesmente, leve o espelho partido para fora de casa e deite-o no lixo... Mas sem nunca olhar fixamente para ele.

NÚMERO 13

Só a título de curiosidade, se contarmos as letras, o hífen (tracinho) e os números, «sexta-feira 13» tem treze letras. Nunca tinha reparado? E já agora sabia que num ano civil, existem entre uma e três sextas-feiras 13?

O meu filho mais velho acabou por nascer a uma sexta-feira 13 (na verdade era suposto ter sido expulso do meu ventre numa quinta-feira, mas o meu corpo decidiu mantê-lo lá dentro mais umas horas) e sempre ouvi dizer que esta data de nascimento era um bom augúrio. Sou uma mãe sortuda porque, em abono da verdade (vá, filho... não cores!), o miúdo só tem dado alegrias, embora seja um «*work in progress*», um trabalho ainda a decorrer (rapaz, respira fundo... eu jamais te ia envergonhar aqui e para a posteridade...).

Mas antes de irmos ao dia da semana, convém perceber porque é que o 13 é um número tão mal-amado. Ou talvez não. Porque há quem o veja e o trate como um número da sorte, de estimação ou o seu número preferido.

Grandes jogadores de futebol como Eusébio e Pelé usaram o 13, o chamado número do azar, nas camisolas. O primeiro pela selecção nacional e o segundo na estreia pela selecção brasileira, em 1957. Outros exemplos: os alemães Müller e Ballack ou mesmo os jogadores de basquete da NBA Wilt Chamberlain e Steve Nash.

Andemos um número para trás. 12. Doze apóstolos de Jesus Cristo, doze deuses no Olimpo, doze meses num ano e doze signos do zodíaco. Um número a mais e para algumas pessoas já estamos a falar de mal, morte, azar e miséria.

Uma das histórias que deram má fama ao número 13 está relacionada com a Última Ceia, quando Jesus Cristo se sentou à mesa com os doze apóstolos, sendo o décimo terceiro Judas, o traidor. Foi a última refeição antes de ser crucificado. Daqui nasceu a convicção de que reunir treze pessoas à mesa condena o mais novo, ou a primeira pessoa a levantar-se, à morte.

No Apocalipse, o número 13 é o capítulo onde se refere que o número da besta é o 666. A mitologia nórdica também dá o seu contributo. Reza a lenda que doze deuses se juntaram para jantar em Asgard, a cidade dos deuses. Loki, o deus da discórdia e do mal, chegou sem ser convidado. Passaram a ser treze os comensais. Os outros deuses tentaram expulsar Loki, e, numa luta, Balder, o favorito de todos, acabou por morrer.

Mas há mais. Ainda antes de os povos bárbaros que invadiram a Europa no início do período medieval serem cristianizados, eram politeístas e muito devotos de Friga (deusa do amor e da beleza). Com o processo de conversão, passaram a amaldiçoá-la como uma bruxa. Como vingança, Friga passou a reunir-se, todas as sextas-feiras, com onze

feiticeiras e com o Diabo, para rogar pragas contra os homens e espalhar o mal pelo mundo. Danadinha para a maldade. Daí a sexta-feira 13 ter ficado para sempre amaldiçoada.

Acredita-se que Jesus Cristo foi crucificado a uma sexta-feira, dia em que Eva ofereceu a maçã do pecado a Adão e, já agora, dia em que Abel foi assassinado pelo irmão, Caim.

Mas não é só à mesa que se encontra quem receie o número 13. Entre no elevador de alguns prédios ou hotéis em Nova Iorque. Para evitarem o azar, passam do 12.º para o 14.º andar, ou, em alguns casos, contornam a questão dando ao 13.º andar o nome 12A.

Nesta cidade norte-americana é algo que ainda continua a ser muito comum. Oito em cada dez edifícios não têm o 13.º andar. «Claro que a maior parte das pessoas não liga a isso, mas para quê restringir a oferta do mercado imobiliário?», parece ser o lema de muitos construtores e empresários da área².

Mas há mais. Filas de lugares em aviões e códigos de voos com o número 13? Que o seu lugar fique na fila 13 talvez não seja assim tão raro, obviamente depende da companhia aérea. Mas embarcar num voo com esse código composto por letras mais o número, por exemplo no voo da TAP com o código TP13, não vai acontecer...

Famosos com medo do 13? Também os há. O cantor brasileiro Roberto Carlos não marca espectáculos para dias 13, muito menos sexta-feira 13.

Esta fobia ao 13 tem até nome e está cientificamente estudada: chama-se «triscaidecafobia». E quem tem medo da sexta-feira 13 sofre de «parascavedecatriafobia» ou «frigatriscaidecafobia». E aqui falamos de um medo que faz parte da cultura ocidental. Por comparação, a oriente, a tetrafobia é o medo do número quatro, número de azar para, por exemplo, os chineses. Que curiosamente é o meu número da sorte, porque era o meu número na equipa de basquetebol do Farense.

Azar para uns, sorte para outros.

Há ainda uma sexta-feira 13 na História que ficou marcada como um dia de desgraça, amaldiçoado. Como o 13 de Outubro de 1307, dia em que o rei de França iniciou uma perseguição contra os templários. Acusados de sacrilégio, heresia, sodomia e adoração a ídolos pagãos, acabaram

² <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-02-13/why-are-we-still-making-buildings-without-a-13th-floor->.

mortos na fogueira, perante a passividade do papa Clemente V. Na hora da sua execução, o Grão-Mestre deixou uma profecia: «Deus sabe que nos condenaram ao umbral da morte com grande injustiça. Não tardará a vir uma grande calamidade para aqueles que nos condenaram sem respeitar a justiça autêntica (...)» E a maldição cumpriu-se já que quer o rei Filipe IV, quer o papa, morreram um ano depois.

Mais sextas-feiras 13 que ficaram na história pelas piores razões: o acidente do cruzeiro *Costa Concordia* deu-se no dia 13 de Janeiro de 2012, a uma sexta-feira. E o voo 571 da Força Aérea do Uruguai caiu nos Andes com a equipa de rãguebi a bordo, no dia 13 de Outubro de 1972, uma sexta-feira, claro!³

Quer fazer «agendinha»? Todos os meses começados a um domingo vão ter uma sexta-feira 13. Há pelo menos uma sexta-feira 13 por ano (é o caso de 2016), mas, já agora, 2015 teve três e em 2017 haverá duas.

E deixo-lhe ainda uma sugestão para acabar em grande com esta superstição: vá a Montalegre, em Trás-os-Montes, para cumprir uma tradição de há vários anos, que todas as sextas-feiras 13 junta as «bruxas» da terra e arredores para «assustar» as centenas de pessoas que se reúnem naquela terra para as ver fazerem das suas. Porque que as há, há...

ENTORNAR SAL (E ATIRAR PARA TRÁS DAS COSTAS)

Sabe quanto custa um quilo de sal grosso (sal marinho), de marca branca, num hipermercado? Quinze cêntimos. Uma pequena fortuna, não acha? Pelo menos a acreditar na importância e no valor que lhe davam em tempos idos.

Existem registos sobre a extracção e utilização do sal na Ásia de há 2000 anos a. C. Não só foi um bem comercial muito valioso, como durante muitos séculos uma das poucas formas de conservar os alimentos, sendo até usado, no tempo dos romanos, como forma de pagamento aos soldados. É a esta palavra que é atribuída a origem de uma outra que costuma pingar no dia de São Receber: o salário!

³ <http://observador.pt/2015/03/03/sexta-feira-13-azar-nasceu-franca/>.

O sal de cozinha é basicamente cloreto de sódio (um átomo de cloro para cada átomo de sódio), conhecido pela fórmula química NaCl. É um dos ingredientes mais comuns nas cozinhas de todo o mundo, mas também um dos inimigos públicos da saúde na maioria dos países ocidentais e industrializados. Em excesso, pode provocar hipertensão, mas na culinária é unha e carne com a pimenta, embora se usem cada vez mais especiarias para sublimar o sabor dos alimentos e se tenda a diminuir a quantidade de sal que usamos na comida.

Já agora, sabia que um por cento do nosso corpo é sal? Podemos provar nas nossas lágrimas salgadas.

Foi esse valor incontestável do sal que Ihe conferiu uma aura de produto sagrado e precioso. O sal foi feito para preservar, logo, opõe-se à destruição e ao mal. Assim se justifica que se considere azar entornar sal.

Vejamos que na pintura de Leonardo da Vinci também podemos concluir o mesmo: Judas tem um saleiro entornado na mesa de *A Última Ceia*. Foi quem traiu Jesus Cristo, que acabaria por ser crucificado.

Você derramou sal? Não há problema. Para grandes males, grandes remédios. Há sempre uma mezinha. Basta deitar um pouco de sal para trás do ombro esquerdo, logo a seguir ao acto desajeitado, para anular a falta de sorte. Ao atirar o sal, que tem a capacidade de proteger e conservar os alimentos, logo a nós próprios também, vai cegar os demónios que se escondem nas costas das pessoas. O Diabo ataca sempre por trás.

No que toca a saleiros na mesa, o meu conselho: por amor da santa, arranje um saleiro de jeito e evite colocar a embalagem de plástico que comprou no supermercado ali entre os copos, as taças e as travessas da comida. Sim, eu sei... dá muito menos trabalho colocar o frasco em forma de cone directamente em cima da toalha. Encher o saleiro é chato porque o sal escorrega... mas deixe as desculpas de lado e faça boa figura. E não, não estou a falar de surripiar o saleiro que viu no restaurante onde foi almoçar no fim-de-semana passado e que até já vinha com grãos de arroz lá dentro. Estou a falar de comprar um saleiro de jeito, giro, e depois perder cinco minutos da sua vida a enchê-lo. Pode e deve colocar lá dentro os tais grãos de arroz para absorverem a humidade. Fará boa figura e evitará «aquele» olhar da sua sogra quando ela lhe pedir para passar o sal. Ah, já agora aviso que há quem

diga que não devemos pedir a ninguém que nos passe o sal, se queremos evitar desavenças com essa pessoa! Só estou a avisar! Pelo sim, pelo não...

E como é mesmo aquela expressão (desculpem, mas é mais forte do que eu, para mim há uma expressão para todas as ocasiões) que se utiliza quando conhecemos alguém pouco interessante? «Ah, aquele é meio pãozinho sem sal...» Pois é, o sal é o tempero da vida.

FAZER UM BRINDE

«Tchim-tchim» (onomatopeia para o tilintar dos copos).

E o seu? O que dizem os seus brindes?

Lá em casa (em família) e entre os meus amigos, somos bastante tradicionais. Temos a versão suave: «A nós, aos presentes, aos ausentes e aos vindouros», que podemos, consoante os convivas e comensais, adaptar para «A nós, aos que gostam de nós, àqueles de quem gostamos e os outros que se f...» (lixem!).

O clássico? «Saúde!»

Nos tempos de faculdade?

«Vai acima, vai abaixo, vai ao centro, vai para dentro» e «se alguém quiser ser cá da malta, tem de beber esse copo até ao fim», de penáti e até ficar bêbado.

Jantares de família ou de amigos, festas de trabalho, casamentos, qualquer ocasião é boa para fazer um brinde, embora formalmente haja um manancial de regras e questões de protocolo às quais vos vou poupar.

Discursos para vários gostos, citando autores ou figuras conhecidas, improviso cómico ou declaração de amor... um brinde é o que a nossa imaginação quiser.

Mas também neste hábito, que será uma das tradições mais antigas da História e que sobreviveu a séculos, cruzou continentes e culturas, se encontra uma superstição associada.

Decore: não se deve brindar com água, evite cruzar as pernas enquanto brinda e é obrigatório olhar nos olhos da pessoa com quem está a brindar. Já lá vamos aos porquês.

Mas porque brindamos? Em tempos ancestrais, a libação consistia em derramar vinho ou outro licor em honra dos deuses. Desse ritual ficaram outros gestos. Ulisses bebeu à saúde de Aquiles em *A Odisseia*, o que coloca a prática no tempo da Grécia Antiga. Muitos outros povos brindaram à saúde de alguém. Os romanos ao imperador Augusto, antes de cada refeição, e assim incluíram o brinde à mesa de muitas culturas e civilizações depois.

E porquê bater com os copos uns nos outros? Mais uma vez, várias teorias. Porque de alguma forma o som podia afugentar o mal (o Diabo) ou satisfazer os cinco sentidos. Nesta versão mais poética, o deus grego Dioniso (Baco era o deus romano) quis que o tilintar das taças accionasse a audição, e assim todos os nossos cinco sentidos, para tornar a experiência sensorial da degustação... completa.

Seria também uma forma de, na Antiguidade, evitar o envenenamento por bebidas adulteradas. Entre anfitriões e convidados, para assinalar acordos de paz entre inimigos, por exemplo, batia-se com um copo no outro para que o líquido entornado passasse de um recipiente para o outro, assegurando ao convidado que a bebida oferecida era segura.

Quanto à origem da palavra brinde, algumas fontes dizem que a origem etimológica seria alemã, vinda da expressão «*ich bring dir's*», que quer dizer «bebo por ti», e outras atribuem-na à cidade de Brindisi, no Sul da Itália.

E porque é que, em inglês, fazer um brinde é «*to make a toast*»? Embora pudesse parecer um pouco estranha a expressão «fazer uma torrada», é do pão que vem a expressão. A partir dos séculos XVI/XVII (há versões que datam este hábito a partir do tempo dos romanos!), era costume colocar-se um pouco de pão no fundo do copo de vinho para retirar a acidez e melhorar o sabor da bebida.

Em *The Merry Wives of Windsor* (*As Alegres Comadres de Windsor*), de Shakespeare, a personagem Falstaff (um boémio) exige «*go fetch me a quart of sack; put a toast in't*». O que na prática significa que a personagem pede uma grande quantidade de vinho num cálice com um bocado de tosta lá dentro.

Os nórdicos, nomeadamente na Suécia, Dinamarca e Noruega, levantam os copos e dizem «*skål*», que significa caveira. Um hábito que vem do costume viquingue de beber cerveja nos crânios dos inimigos, esvaziados e limpos como se fossem canecas.